

Maílson pede calma aos banqueiros

Gilson Barreto — 26.08.88

Diante de um auditório cheio de ansiosos banqueiros, credores do Brasil, o ministro Maílson da Nóbrega pediu "calma", prometeu pagar em breve a parcela dos juros da dívida, vencida semana passada, mas insinuou que para ficar totalmente quite, o país quer que saiam logo os "waivers" (dispensas do cumprimento de cláusulas contratuais) necessários para o desembolso de US\$ 600 milhões do chamado "dinheiro novo". Apertado por perguntas de banqueiros americanos, japoneses e europeus, Maílson conseguiu manter o bom humor, garantiu que o Brasil já fez as pazes com o Banco Mundial e receberá nos próximos dias uma missão do FMI para negociar novas metas de política econômica.

Após as explicações e respostas de Maílson, mais banqueiros aderiram aos "waivers" e o comitê coordenador espera que hoje seja alcançado o número de credores necessário para as mudanças nas cláusulas do contrato. Com isso, o Brasil poderá receber em poucas semanas os US\$ 600 milhões, que estavam previstos para serem liberados em dezembro último. Em várias perguntas, os banqueiros não ocultaram seu desagrado com a suspensão das conversões da dívida (não previstas em nenhum contrato) e das operações de relending (reempréstimo no Brasil de dinheiro dos credores depositado no Banco Central).

Além disso, os banqueiros insistiam em que garantias o Brasil dava para o resto do acordo, assinado em setembro do ano passado, depois de quase um ano de negociações. Um banqueiro japonês foi ainda mais longe, na sabatina a Maílson, querendo garantias de que mesmo da depois da eleição de 15 de novembro, a atual política em relação à dívida continuará sendo cumprida. O ministro se limitou a repetir que o Brasil estava querendo modificar a condição para a liberação da parcela de US\$ 600 milhões e o relending deste ano. "O resto do contrato continua em vigência e não pretendemos nenhuma modificação num futuro previsível", insistia.

Aos que estão irritados com o atraso do Brasil no pagamento dos juros e taxas vencidos dia 15 deste mês, Maílson explicou os problemas para aprovação do orçamento pelo congresso, mas disse que "em muito breve" o dinheiro vai para Nova Iorque, como prometido. "Be calm!" (Fiquem calmos), disse o ministro, arrancando risadas da platéia. As gargalhadas foram ainda maiores quando ele disse que o pagamento dos juros será feito logo, a menos que surjam



Maílson: sem as garantias

problemas burocráticos "ou de computadores". A graça é porque os banqueiros nunca acreditaram na desculpa que o Brasil deu para atrasar os pagamentos em janeiro: os computadores do Banco Central precisavam ser reprogramados.

Mais seriamente, em seu discurso prévio, Maílson chamou a atenção dos banqueiros para os custos sociais e econômicos que o Brasil vem pagando, com a aplicação de políticas de austeridade. Depois de dizer que os esforços do Brasil são maiores que os dos próprios países ricos, o ministro declarou que no país cresce o sentimento de que "nossos sacrifícios não têm tido o adequado apoio de nossos parceiros externos". Maílson disse que a crise da dívida chegou a um "momento decisivo", do qual pode resultar uma solução definitiva ou "uma deterioração sem precedente da situação política e social da América Latina".

O ministro fez poucas menções ao Plano Brady, limitando-se a dar as boas-vindas ao reconhecimento pelos Estados Unidos de idéias que já vinham sendo sugeridas pelo Grupo dos Oito (países latino-americanos). "As condições para uma solução do problema da dívida já estão dadas. O mercado secundário já mostrou o caminho", disse o ministro, apontando para os negócios feitos em Nova Iorque com títulos da dívida latino-americana com grandes descontos. (R.C.A.)